

A ESSÊNCIA DA LINGUAGEM EM HEIDEGGER E O NOMEAR INAUGURANTE DE MANOEL DE BARROS

JADERSON GONÇALVES NOBRE
nobre_jaderson@hotmail.com

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Resumo: Pensar em que sentido é possível uma aproximação entre a linguagem poética de Manoel de Barros, vista aqui como um dizer inaugural, como uma linguagem nomeadora, como que Heidegger pensa sobre a essência fundamental tanto da poesia como do homem. A escuta ao fechado adveniente da Terra e a abertura ao Mundo, como a arriscada tarefa destinada aos poetas originários é para Heidegger o cuidado mais essencial com a linguagem, essa que é a morada do ser e do homem. Presente-se no idioleto manoelês este cuidado carinhoso com o que as coisas, pelas palavras, nos dizem. É nesse âmbito da linguagem que se pretende uma aproximação do filósofo pensador da Floresta Negra com o poeta inaugurante do Pantanal.

Palavras-chave: LINGUAGEM; POESIA; ABISMO;

Introdução

É sempre muito arriscado buscar aproximações de pensamentos e linguagens distintas. Principalmente quando se trata de um poeta brasileiro, nascido no ventre de um quente ambiente tropical, e um filósofo alemão cercado de frias montanhas e florestas. Porém, penso que é o chamado ao risco, impulso vital do filósofo e poeta, que move todo caminhar vigoroso. É certo que uma abundante natureza florestal lhes aproximam. Em um polo dessa tensão o pantanal de Manoel de Barros e do outro a Floresta Negra de Heidegger. Entretanto, o estar cercado por uma abundante natureza não é, apenas nem em primeiro lugar, o que aqui nos desperta o sentimento de uma aproximação. Também, de modo inverso, não é a língua (português de um lado e alemão de outro), ou a tradição do pensamento (Manoel é cercado da poesia brasileira, do pensar Frances, português, já Heidegger vem de uma forte tradição do romantismo alemão e com um profundo interesse no pensar grego) que nos afastaria do aqui pressentido. Seria mesmo possível então essa aproximação? A mais profunda harmonia não se dá por se falar uma mesma língua, ou se morar em um mesmo país, em uma mesma época, ou ter lido os mesmos livros. Dá-se no dito, no escutado, no sentido, no silenciado. E aqui não importa se o dito adveio como linguagem corporal, musical, como uma obra de arte, um grito, um não-dito, ou qualquer outro âmbito da linguagem. Assim como não importa, essencialmente, se um escreveu poesia e o outro filosofia. É no dito que se presente aqui uma aproximação.

É claro que ambos disseram diversas coisas, sobre diversos temas. E é bem improvável que em todos esses âmbitos seus ditos se aproximem. Em vários casos até divergem, se contradizem. Mas quando falam sobre a linguagem, sobre a essência da poesia, do poeta, do dizer, quando falam acerca do falar, aí sentimos uma afinção essencial. Quando Manoel de Barros diz que “poesia é coisa que aumenta o mundo” e Heidegger que é pela linguagem poética que o Ser vem à adveniência, aí sentimos que suas vozes soam afinadas em um tom harmônico. Sentidas de dentro, percebe-se que suas palavras não rimam pelo vocabulário usado, mas rimam na expressão do sentido.

Assim, adentraremos em suas linguagens para, de dentro, nos harmonizarmos com elas. Pensaremos então, poeticamente, o que seja a linguagem para Heidegger e Manoel de Barros e em que sentido esta linguagem é entendida como aquilo que dá nascimento ao que advêm e porque é o poeta o guardião dessa linguagem originária. Para tal caminhada pelas veredas que envolvem esses autores, dialogaremos com a filosofia heideggeriana e a poesia de ‘maneco’, buscando ver o que pela reflexão de um é dito pela inspiração, pela escuta do outro. Adentremos então nesta arriscada vereda no sentido da busca por o que guarda a intimidade de suas linguagens.

O ser como adveniência: A escuta do silêncio da Terra

Pensar com Heidegger é pensar acerca da **Questão do Ser**, da verdade e da linguagem. Estes são temas, para ele, inseparáveis. Percorreremos os sentidos destas questões para dialogarmos, por dentro de seu pensar, o sentido desta fonte onde dar-se esta sintonia **entre** este pensador e o poeta Manoel de Barros. Partindo da questão da verdade nos deparamos logo com um confronto com a tradição. Heidegger vê que para esta, verdade é entendida como conformidade, adequação entre a proposição e a coisa sobre qual a proposição se referencia. É o que Heidegger chama de verdade proposicional. Seu âmbito mais fraco, menos fundamental em relação ao ser. Verdade, assim compreendida vem passando pelo pensamento latino como *adequatio*, em direção ao pensamento grego onde Aristóteles a nomeou como a *ομοιοσις*, *omoiosis*, semelhante. Foi assim que na lógica aristotélica a verdade foi definida, como a adequação, semelhança entre a proposição e a coisa a qual se referia. Daí a verdade ter sido pensada como uma verdade da proposição e não do ente¹. Porém, Heidegger ao pensar na verdade busca uma fonte ainda mais primordial, que res-guardasse a mais originária essência da verdade e do Ser. Uma essência que advinha de uma real escuta do que, silenciosamente era dito, era nomeado pelo nome grego *ἀλήθεια*, *A-letheia*, dêsvelamento, verdade. *A-letheia* é composta pelo α privativo, mais *λήθεια*, velado. Verdade originariamente foi nomeada pelos gregos como aquele dêsvelamento, como aquele acontecimento inaugural, onde o que se guardava no velado, no fechado, na Terra abria-se para o homem que cuidadosamente escutava-lhe o dito silencioso que a si era destinado. Verdade passa, nessa escuta cuidadosa, de uma mera adequação proposicional, para um momento de inauguração, de nascimento que advém do olhar para dentro do escuro do que não se mostra, como abismo e clareira. Verdade passa a ser entendida como a passagem do não-vigente ao vigente.

Seguindo o sentido da verdade como dêsvelamento, como nascimento, o Ser passa a ser sentido não mais como o meramente dado, como o habitual, o presente. Ser é agora, nesse novo âmbito do pensar, sentido como adveniência, como Abismo. Ser é fonte principal da qual tudo que se encontra aí, meramente dado, advém. Para os gregos essa passagem do não-vigente ao vigente foi nomeada por *ποίησις*, *poiesis*, poesia. Essa passagem do não-vigente ao vigente dava-se como um acontecimento poético. Aqui poesia não é pensada no sentido estrito de uma composição de palavras, de uma arte literária, teatral, corporal, ou qualquer outro âmbito da arte. O poético é aqui pensado de um modo

¹ Em conformidade com essa concepção de verdade, a linguagem em Aristóteles é pensada como uma linguagem judicativa, predicativa, proposicional. O que interessa, principalmente em seu *Organon*, é a linguagem da qual posso dizer dela se é verdadeira ou falsa. Ver o texto aristotélico *Da Interpretação IV*.

bem mais amplo, como todo aquele pôr, como toda adveniência, como a passagem do não-ente ao ente. Pensando assim, a própria *φύσις*, natureza dá-se poeticamente. “Poesia é coisa que aumenta o mundo”, como diria o poeta. A verdade é agora pensada como poesia. O ser é pensado como o acontecer poético. Um acontecimento que se dá por meio da escuta cuidadosa, carinhosa do que advém da Terra, do mistério do fechado, que é resguardado no velado interior.

O Ser é pensado, a partir deste velado anterior à presença do desvelado, não mais como **Fundamento**, mas como **Abismo**. Deixa de se pôr como um solo firme, seguro no qual o homem pode erguer seu império, para dar-se como mistério, vereda onde o homem corre o risco de perder-se, mas também a possibilidade de encontrar o inesperado. “**Pois é nos desvio que se encontra as melhores surpresas e arituncuns maduros**”, como diria o poeta. É assim que se dá a passagem da questão da essência da verdade à da verdade da essência. O essencial deixa de ser aquele ente primeiro do qual tudo se predica, aquele ente primeiro do qual, enquanto filósofo, possuidor de um saber seguro do qual não se pode errar, deve-se buscar. Essa fonte originária, esse abismo provedor não é nenhum tipo de ente enquanto ente. É o próprio não-ente que já por Parmênides foi proibido, ao jovem justo, investigar. E se é não-ente não pode ser ao mesmo tempo ente. É aquele terceiro caminho, ou o não-caminho, *αταρπον*, vereda do qual o pensamento reto, co-reto, deveria abandonar. Só há dois caminhos a se seguir o do verdadeiro (Ser) e o do falso (aparência do ser, que de alguma forma é). Qualquer outra terceira possibilidade foi excluída. Pois o que É é e não pode não-ser e o que não-é não é e não pode vim a ser. Nesse poema, *Da Natureza*, de Parmênides, encontram-se já as fontes do que em Aristóteles se tornará os princípios supremos, primeiros do pensamento. Aristóteles os apresentam, no Livro IV de sua *Metafísica*, ou, *Ciência Primeira*, como Princípio da **Não-contradição**, do **Terceiro Excluído** e da **Identidade**.

Esse mais originário que é aqui pensado como um não-ente, o que a tradição chamaria de **NADA**, não pode, por esse pensamento correto ser pensado, conhecido ou comunicado. É assim que Heidegger diz que em relação a esse nada mais originário, a linguagem lógica se põe em aporia, se vê impossibilitada de dizer algo acerca dele. Pois **ser e pensar são o mesmo**, dizer ou pensar o nada, o não-ente é torná-lo em seu contrário, é ferir o princípio supremo do pensamento lógico. Heidegger então coloca, a partir destes pensamentos, a necessidade de se re-colocar a possibilidade de uma outra linguagem capaz de um confronto com esse abismo. Esse **silêncio** já dito por Parmênides, Platão e seguido pela tradição, como ecoa ainda na voz “do primeiro Wittgenstein”, é o único caminho adequado a esse nada. E Heidegger vai ao encontro desse pensamento e também Manoel de Barros e dizem: Só o silêncio é capaz de entrar em sintonia com o nada. Porém,

silêncio não é ausência de voz, de linguagem. Silêncio é uma outra forma de a linguagem dizer. Não é esse calar-se que se deu e se dá sobre muitas questões essenciais. Esse calar-se é abandono, é fuga. O silêncio pelo contrário é a **de-cisão** vigorosa de saltar no abismo, de adentrar pelas sendas espinhentas da vereda do que a cada passo, com maior vivacidade se oculta. É manter-se na **cisão**, no risco da aporia. E ao falar sobre aquilo que está guardado no interior da voz do poeta diz Maneco no seu *Livro das ignoranças*: “Penso que dentro de minha casca não tem um bico: Tem um silêncio feroz”.

É dessa forma vigorosa e sutil, inocente e perigosa (como diria o Heidegger ao pensar com Holderlin em seu ensaio *Holderlin e a essência da poesia*), que Manoel de Barros diz que esse silêncio é a voz do poeta. Esse silêncio “tão alto que os passarinhos ouvem de longe”, está guardado na voz nomeadora do poeta. Aquele grito que beira o desespero e a felicidade daquele que salta no abismo sentido nesse salta a profundidade e a altura como se por uma primeira vez com eles se deparasse. Esse grito que é canto sereno daquele que se joga na fonte originária do que advém. Esse abismo que abriga, como o seio da mãe terra (Gaia multinutriz como nos cantou o *aedo* Hesíodo), aquele filho que há muito dela se afastou. Aquele filho que sedento de controle, passou a vê-la não mais como mãe, mas como uma gigantesca fonte de energia da qual ele poderia a todo custo e violência forçar a ceder mais e mais energias para servir de instrumentos de seu controle. Uma sede tão insaciável que só se mostrou perigosa quando essa gigantesca energia que lhe serviria como instrumento de controle ameaçou lhe dominar e fazer deste homem um instrumento de seu instrumento. Esse silêncio gritante que se assemelha ao canto daquele que liberto da força da gravata e do túmulo do palito, liberto da utopia da consciência esclarecida, como que por uma primeira vez, escuta o seu dizer como um dar nascimento. A voz do poeta, no idioleto manelês, “é voz de dar nascimento”, é voz que “inaugura os sussurros” de amantes.

Diante dessa ameaça de tornar-se instrumento de seu instrumento urge ao homem outra linguagem que seja capaz de um confronto com o Ser como abismo. É preciso outro olhar, outro pensar capaz de ver, como que depois de um longo período de adormecimento, de esquecimento, as “coisas sem feito”, é preciso não mais dar-se apenas com “palavras acostumadas”, pois “as coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis, elas querem ser olhadas de azul”. Esses ditos do poeta, espalhados por toda sua obra como uma **identidade** que traz em si a questão da **diferença**, se harmonizam como a tensão presente no arco e na lira, uma tensão de opostos capazes de em seu silêncio guardar a possibilidade de tornar-se caça e guerra, canto e música. Aí poeta e pensador, como que em um coral, dia-logam ferozmente em seus silêncios.

Porém, o que Heidegger sente não se dá como uma **inversão do lógico** para o **poético**, da identidade para a diferença, mas sim como uma **de-cisão** de um permanecer no **entre**. Entre este que hora se urge por identidade, hora por diferença, hora por nem um nem outro, mas como um abismo aporético do saber-se ignorante. O homem como um ser-com, um ser-entre entes, é um ser que se relaciona com o presente, o dado, é um ser, portanto, lógico e que assim, necessita de sua linguagem predicativa, judicativa, formativa, um ser que precisa de suas gramáticas, academias e leis e regras. Porém, enquanto ser que fala, *ανθρωπος λογος*, homem que fala, logo que também ouve, sendo assim capaz de diálogo, enquanto o guardião da essência mais essencial da linguagem, aquela que corresponde a essência mais essencial do ser (abismo), da linguagem nomeadora, que dá nascimento, não pode este homem manter-se aprisionado apenas na superfície fundadora da linguagem lógica. É preciso a esse guardião, enquanto guerreiro, enfrentar os perigos do salto primordial ao abismo do que se oculta.

É assim que poeta e pensador dizem sobre a necessidade de um cuidado com a linguagem. Um cuidado que não se dá na gramática, no dicionário e nas significâncias, mas na escuta silenciosa do que advém do abismo das insignificâncias, do fechado da terra, do abandonado, do nada. Uma relação com a linguagem onde esta não se desgaste com o uso, mas que neste uso ela venha a ser o que é. Que venha a ser criação.

Quando o escultor usa a pedra o que dá-se nesse usar é bem diverso do que o que se passa quando um mestre de obra constrói um alicerce. Neste ultimo, diz o filósofo, há um gastar da pedra na elaboração de algo. No caso da escultura, o artista não desgasta a pedra, mas faz o seu vigor e estabilidade se porem na obra. O músico não gasta o som, mas faz com que eles advenham no que são. Assim é também a linguagem poética, que com seu uso inaugurador, nomeador, não desgasta a linguagem, mas põe em um fluxo vital o pulsar da força de criação que esta é. Assim escreve o poeta do pantanal em seu *Retrato do artista enquanto coisa*:

Há um cio vegetal na voz do artista. / Ele vai ter de envesgar seu idioma ao ponto /
De alcançar o murmúrio das águas nas folhas / Das árvores. / Não terá mais o
condão de refletir sobre as / Coisas. / Mas terá o condão de sê-las. / Não terá mais
ideias: terá chuvas, tardes, ventos, / Passarinho... / Sairá entorpecido de haver-se.
/ Sairá entorpecido e escuro. (...) / Palavra de um artista tem que escorrer
substantivo escuro dele. / Tem que chegar enferma de suas dores, de seus /

Limites, de suas derrotas. / Ele terá que envesgar seu idioma ao ponto de /
enxergar no olho de uma garça os perfumes do / sol².

Pergunta-se, contudo, e de forma pertinente, se diante da situação presente da humanidade, buscar em-caminhar o pensamento para esse entre, não se assemelharia a fraqueza da uma indecisão, a um afastamento do real, um esquecimento das questões políticas e vitais ao homem. Heidegger citando uma famosa passagem de Max Planck diz: “Só é real aquilo que se pode medir”. Então não pairaria no irreal essa linguagem poética lançada no nada abismal? Também se escuta com grande frequência dizer que não há como fugir da realidade e ela é capitalista, consumista, representativa, que ela é cientificista e todos esses outros ‘istas’ que podemos pensar nesse mesmo sentido. Assim diz Manoel em seu *Livro sobre nada*:

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá / mas não pode medir
seus encantos. / A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem / nos
encantos de um sabiá. / Quem acumula muita informação perde o condão de
adivinhar: / divinare. / Os sabiás divinam³.

E complementa o pensador:

Quando a tecnologia e o dinheiro tiverem conquistado o mundo; quando qualquer
acontecimento em qualquer lugar e a qualquer tempo se tiver tornado acessível
com rapidez; quando se puder assistir em tempo real a um atentado no ocidente e a
um concerto sinfônico no oriente; quando tempo significar apenas rapidez online;
quando o tempo, como história, houver desaparecido da existência de todos os
povos, quando um esportista ou artista de mercado valer como grande homem de
um povo; quando as cifras em milhões significarem triunfo, – então, justamente

² BARROS, Manoel. *Retrato do artista enquanto coisa*. In: *Poesia completa / Manoel de Barros*. São Paulo: Leya, 2013. BARROS, Manoel. *Retrato do artista enquanto coisa*. In: *Poesia completa / Manoel de Barros*. São Paulo: Leya, 2013.

³ BARROS, Manoel. *Livro sobre nada*. In: *Poesia completa / Manoel de Barros*. São Paulo: Leya, 2013.

então – reviverão como fantasma as perguntas: para quê? Para onde? E agora? A decadência dos povos já terá ido tão longe, que quase não terão mais força de espírito para ver e avaliar a decadência simplesmente como... Decadência. Essa constatação nada tem a ver com pessimismo cultural, nem tampouco, com otimismo... O obscurecimento do mundo, a destruição da terra, a massificação do homem, a suspeita odiosa contra tudo que é criador e livre, já atingiu tais dimensões, que categorias tão pueris, como pessimismo e otimismo, já haverão de ter se tornado ridículas⁴.

Aqui, o que é pensando é, de algum modo, um caminho de enfrentamento desta crise social na qual o homem degradou o poder, impulso vital de tudo que é vigoroso, como mero poder de consumo ou de status. Aqui se realizou uma tentativa humilde de pensar na linguagem poética como possibilidade de um outro modo de relacionamento com o que nos cerca. Fiquemos nesse passo derradeiro com uma frase de Manoel. “Poderoso pra mim não é quem inventou a bomba atômica. Poderoso pra mim é quem descobre as insignificâncias. Do mundo e as nossas”.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Aristóteles. *Metafísica*. trad. br. Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. *Órganon*. Trad. br. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2010.

_____. *Poética*. Trad. pt. Ana Maria Valente. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkain, 2004.

BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte* [1935-36]. Trad. br. Idalina Azevedo e Manuel Antonio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

_____. *A questão da técnica* [1953]. In: *Ensaio e conferências*. Trad. br. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

⁴ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Trad. pt. Mário Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1987. pp. 45-46.

_____. *Serenidade* [1955]. Trad. port. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, ?.

_____. *Hölderlin y la esencia de la poesia* [1936]. In: *Arte y poesia*. Trad. esp. Samuel Ramos. Buenos Aires: Fondo de cultura economica, 1958.

_____. *Para que poetas?* [1946]. In: *Caminhos de floresta*. Trad. port. Irene Borges-Duarte e Filipa Pedroso. 2. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 2012.

_____. *A essência da verdade* [1930]. In: *Marcas do caminho*. Trad. br. Ernildo Stein e Enio Paulo giachini. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Que é metafísica?* [1929/43]. In: *Conferências e escritos filosóficos*, Coleção: Os pensadores. Trad. br. Ernildo Stein. São Paulo: Nova cultural, 1996.

_____. *O que é isto – a filosofia?* [1956]. In: *Conferências e escritos filosóficos*, Coleção: Os pensadores. Trad. br. Ernildo Stein. São Paulo: Nova cultural, 1996.

_____. *Identidade e diferença* [1957]. In: *Conferências e escritos filosóficos*, Coleção: Os pensadores. Trad. br. Ernildo Stein. São Paulo: Nova cultural, 1996.

_____. “... poeticamente o homem habita...” [1951]. In: *Ensaio e conferências*. Trad. br. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento* [1966]. In: *Conferências e escritos filosóficos*, Coleção: Os pensadores. Trad. br. Ernildo Stein. São Paulo: Nova cultural, 1996.

_____. *A caminho da linguagem* [1959]. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. São Paulo: Editora vozes, 2011.

_____. *Introdução à metafísica*. Trad. pt. Mário Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1987.

_____. *Da experiência do pensar* [1960]. Trad. br. Maria do Carmo Tavares de Miranda. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. br. Jaa Torrano. 5. Ed. São Paulo: Ilumiuras, 2003.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Org. Maria José Campos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PARMÊNIDES. *Da Natureza*. Trad. br. José Trindade Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2002.